

A recepção de João Cabral de Melo Neto por João Gaspar Simões

The reception of João Cabral de Melo Neto by João Gaspar Simões

Solange Fiuza
Universidade Federal de Goiás / CNPq
solgiuza@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2458-8676>

Data de recepção do artigo: 03-11-2023
Data de aceitação do artigo: 17-11-2023

Resumo

Gaspar Simões constitui um capítulo fundamental na acolhida crítica do brasileiro João Cabral de Melo Neto em Portugal, assinando quatro importantes trabalhos sobre o poeta. Neste artigo, que se vincula ao projeto “Antologia comentada da crítica portuguesa de João Cabral”, financiado pelo CNPq por meio de bolsa de produtividade em pesquisa, proponho realizar uma apresentação da recepção de Cabral por Gaspar Simões, situando-a no contexto mais amplo da fortuna crítica do poeta no país e da crítica portuguesa.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto, João Gaspar Simões, recepção crítica, crítica portuguesa.

Abstract

João Gaspar Simões is a key figure in the critical reception of the Brazilian poet João Cabral de Melo Neto in Portugal, writing four important works on the poet. In this article, which is linked to the project “Antologia comentada da crítica portuguesa de João Cabral”, funded by CNPq through a research productivity grant, I propose to present Gaspar Simões' reception of Cabral, placing it in the broader context of criticism of the poet in Portugal and Portuguese criticism.

Keywords: João Cabral de Melo Neto, João Gaspar Simões, Critical reception, Portuguese criticism.

1. Nota sobre João Gaspar Simões

João Gaspar Simões (1903-1987) é um nome essencial da literatura e da cultura portuguesas do século XX. Autor de romances, peças teatrais, e traduções de autores russos e de língua inglesa, destaca-se, sobretudo, como historiador literário (da poesia e do romance português, da *presença...*), biógrafo (de Eça, Antero, Pessanha, Pessoa...), memorialista (*Retratos de Poetas que Conheci*, 1974), ensaísta e crítico, tendo se debruçado sobre inúmeras questões e autores literários.

Ganhou visibilidade quando apareceu, em março de 1927, como coeditor da importante e duradoura revista *presença*, ao lado de José Régio e Branquinho da Fonseca, mantendo-se como coeditor até o último número, de fevereiro de 1940. Como a revista, seu editor teve um papel fundamental na divulgação e no conhecimento da obra de Fernando Pessoa.

Gaspar Simões foi, dos anos 1930, quando começou a exercer a crítica regular em sucessivos periódicos de ampla divulgação, até perto de sua morte, o mais ativo e influente crítico literário de seu país. Sempre fiel à ideia de que o crítico é um mediador entre a obra e o leitor, mas também um sujeito que exerce um papel importante no direcionamento criativo dos escritores, seus artigos eram esperados semanalmente pelo público. Eduardo Lourenço, para cuja geração, “nem a nível teórico nem prático João Gaspar Simões terá sido ‘o maior’ crítico da sua época”, reconhece: “As pessoas hoje não têm ideia de até que ponto João Gaspar Simões era uma espécie de termómetro da produção literária nacional” (Biblioteca Nacional 2003: 16, 192).

Esse crítico que levava semanalmente autores e obras a um grande número de leitores foi também um polemista apaixonado e uma figura polemizada nas disputas travadas, no campo literário português, entre a “velha” e a “nova” crítica, entre presencialistas e neorealistas. Nas palavras de Carlos Reis:

Para ser o que foi, Gaspar Simões soube, talvez como ninguém mais, viver num meio literário e numa atmosfera cultural que pouco ou nada têm que ver com o nosso presente. Esse era o tempo em que as tertúlias, as revistas de poesia, os suplementos literários e as polémicas entre gerações e movimentos acompanhavam e condicionavam a produção literária e as suas mutações: basta lembrar a intensidade, porventura não tão conflituosa como às vezes se pensa, que caracterizou o debate entre presencialistas e

neorrealistas para se ter uma ideia do que digo. João Gaspar viveu esse debate por dentro, com o entusiasmo que punha em quanto escrevia (Biblioteca Nacional 2003: 194).

Atento à produção de autores brasileiros seus contemporâneos, João Gaspar Simões foi um dos primeiros críticos portugueses a escrever sobre João Cabral de Melo Neto, sobre quem publicou um artigo em 1950, quando o poeta não era ainda um nome reconhecido, ao qual se seguiram, na década de 1960, período em que se deu a canonização do autor tanto no Brasil quanto em Portugal, mais três resenhas.

Cabral, desde a publicação de *Pedra do Sono* (1942), ainda em Recife, enviava livros seus a Gaspar Simões, também prestigiado no Brasil, o que pode ser comprovado pela existência de uma cabralina no espólio do crítico, acessível, sobretudo, na Biblioteca Nacional de Portugal, onde se encontram exemplares dedicados, entre outros, de *Pedra do Sono*, *O Engenheiro* (1945), *Psicologia da Composição com a Fábula de Anfion e Antiode* (1947) e *O Cão sem Plumias* (1950). Encontram-se também, em acervos portugueses, exemplares desses livros dedicados a outros críticos, entre os quais Adolfo Casais Monteiro e José Osório de Oliveira. Caso curioso é o exemplar de *Pedra do Sono* dedicado, em 1942, a este último, o qual, não tendo compreendido o livro, oferece-o, no ano seguinte, ao jovem Jorge de Sena:

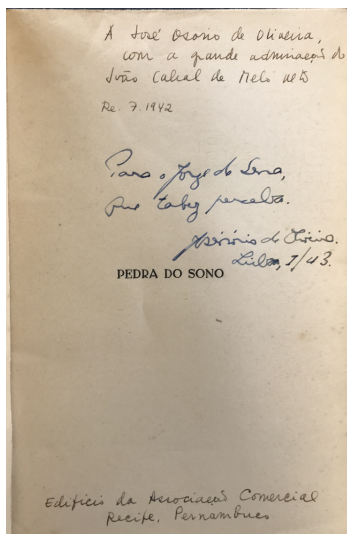


Fig. 1: Dedicatória do autor de *Pedra do Sono* a José Osório de Oliveira e deste a Jorge de Sena. Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

O envio de obras suas, desde o livro de estreia, a críticos e poetas portugueses, demonstra o interesse de Cabral, que era também o de quase toda a geração modernista que o antecedeu e daqueles de sua geração, de ser lido e reconhecido nesse país. Nesse processo, Gaspar Simões representa um importante capítulo.

2. O primeiro artigo

Gaspar Simões publicou, em novembro de 1950, no suplemento *Letras e Artes* do periódico carioca *Amanhã*, um artigo sobre Cabral, que é o segundo texto de um crítico português sobre o poeta, sendo antecedido apenas por uma resenha de Vitorino Nemésio (1949) sobre *O Engenheiro*.

O artigo, intitulado “A poesia, essa estranha invenção”, demonstra o conhecimento efetivo que Gaspar Simões tinha, nessa ocasião, de toda a obra produzida por João Cabral, de *Pedra do Sono*, não descurando do ensaio *Considerações sobre o Poeta Dormindo* (1941), ao então recentíssimo *O Cão sem Plumaz*, todos, conforme mencionado, enviados a ele pelo próprio poeta.

Cabral, ao que tudo indica, chegou inicialmente ao contato de Gaspar Simões e de outros críticos portugueses por meio de Manuel Anselmo, Cônsul português em Pernambuco. Em carta de agosto de 1950, enviada de Barcelona, onde exercia seu primeiro posto diplomático, ao poeta Alberto de Serpa, pede nomes e endereços de portugueses que poderiam se interessar por receber *O Cão sem Plumaz* e justifica: “A lista que eu tenho me foi dada há muitos anos, no Recife, pelo Manuel Anselmo. Mas desconfio que alguns já morreram e que muitos são desinteressantes” (Fiuza & Saraiva, no prelo).

Malgrado Simões já ter recebido livros de Cabral, foi provavelmente o próprio Alberto de Serpa a estimulá-lo a escrever esse artigo, pois mantinha com um e outro estreitas relações. Entre 1949 e 1950, Cabral e Serpa se corresponderam sistematicamente em função da revista *O Cavallo de Todas as Cores* (1950), editada por ambos e organizada por meio de cartas trocadas entre Barcelona e Porto. Serpa, ex-secretário da *presença*, e Simões foram amigos de uma vida inteira. Conheceram-se em Coimbra e, apesar de um viver no Porto e outro em Lisboa, mantiveram uma relação estreita, como se pode mensurar pela numerosíssima correspondência que Serpa guardou de Simões, disponível na Biblioteca Municipal do Porto, assim como por outros manuscritos e dactiloscritos ou pelos livros com dedicatórias.

É o próprio Alberto de Serpa a anunciar a Cabral, em missiva de 12 de novembro de 1950, o artigo saído no periódico do Rio de Janeiro: “Escreveu ele [João Gaspar Simões] um artigo para o Suplemento de *Amanhã* sobre os seus novos versos” (Fiuza & Saraiva, no prelo).

Na mesma carta, Serpa anuncia a ida de Simões para Londres, onde Cabral havia recém chegado para exercer seu segundo posto diplomático, e estimula o conhecimento entre os dois: “Uma boa notícia: é natural que o Gaspar Simões vá estar aí uns 2 ou 3 meses, a partir de fevereiro. Será uma boa companhia, – a de um ao outro!” (Fiuza & Saraiva, no prelo). Efetivamente, encontraram-se em Londres, conforme Cabral rememora: “Quando estive em Londres, eu conheci o João Gaspar Simões, que foi fazer uma conferência, e ficamos bons camaradas” (Athayde 1998: 140).

O primeiro artigo de Simões sobre Cabral principia com uma longa citação do poeta inglês Swinburne (1837-1909), segundo a qual a poesia seria uma “estranha invenção”, devido à capacidade de as palavras, nela, combinadas umas com as outras, postas em ritmo, ferirem e causarem prazer a toda a gente. Para Simões, a consciência da poesia como “estranha invenção” teria se apoderado de tal forma do poeta moderno que ele se converteu numa espécie de “engenheiro” de palavras, numa sorte de fabricante de “vazios”. Ou seja, o paroxismo, na modernidade, do que, em Swinburne, dizia respeito à capacidade do poeta de ferir e deleitar o leitor, converte-se numa autorreferencialidade, numa poesia pura. Segundo Gaspar Simões, o título das obras de Cabral “é um gráfico da própria marcha cem por cento autoconsciente da sua poesia no sentido de uma fabricação integral de ‘vazio’” (Simões 1950: 1). Cabral é um fazedor, mas a sua ambição de perfeição seria, a exemplo da arte pura de Valéry e Mallarmé que o informaram, a página em branco. Para Simões, *Psicologia da Composição* “corresponde ao ponto culminante da curva traçada pelo poeta na ‘invenção’ da sua própria poesia” (Simões 1950: 1). Já *O Cão sem Plumaz*, por sua vez, representa o conseguimento do poeta na ambição de perfeição da poesia como “estranha invenção”.

Gaspar Simões formula com precisão como Cabral aprende a sua linguagem formalmente tensa com os poetas chamados puros e a mantem mesmo quando parodia esses poetas, no livro de 1950. Mas o crítico prescinde da ética social que a poesia cabralina assume nesse momento. Um leitor da envergadura de Simões, indubitavelmente, não deixou de perceber que o mundo feito de palavras de *O Cão sem Plumaz*, num estilo próprio conquistado a partir da poesia pura dos

franceses, mas também da linguagem de alguns modernistas brasileiros, dá a ver uma determinada realidade social do Nordeste brasileiro. A recusa em falar sobre essa dimensão explicitamente ética da poesia cabralina talvez seja em função da sua posição de crítico presencista, sob o signo kantiano da “finalidade sem fim da poesia”, e que se bateu fortemente contra a arte programática do neorrealismo português.

Simões fecha o artigo lembrando o empreendimento editorial de Cabral nesse momento, que, por meio de uma prensa manual adquirida em Barcelona, compõe e imprime, ele mesmo, em edições inconsúteis, livros seus, a exemplo de *Psicologia da Composição com a Fábula de Anfion e Antiode* e *O Cão sem Plumias*, e de amigos.

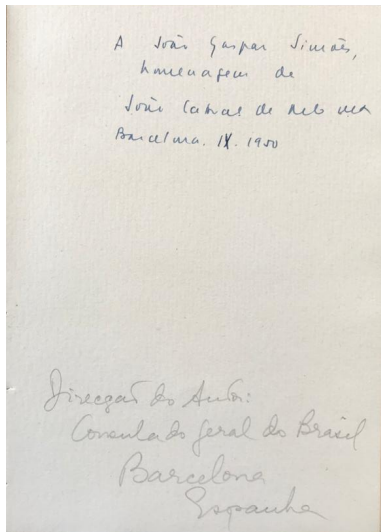


Fig. 2: dedicatória de *O Cão sem Plumias* a João Gaspar Simões. Fonte: BNP

3. *Quaderna* no inventário da moderna poesia portuguesa

O segundo texto de Gaspar Simões sobre o poeta pernambucano saiu em junho de 1960, no *Diário de Notícias*, de Lisboa, por ocasião da publicação de *Tempo Espanhol* (1959), de Murilo Mendes, e *Quaderna* (1960), de João Cabral, ambos lançados em edição *princeps*, respectivamente, pelas editoras Moraes e Guimarães. Começa louvando a iniciativa das bibliotecas líricas dessas editoras, Círculo de Poesia e Poesia e Verdade, por publicarem poetas brasileiros ao lado dos portugueses no inventário da “moderna poesia nacional”. Essa

declaração de Simões é ilustrativa de um momento de presença significativa da literatura brasileira em Portugal, seja por meio de publicações, circulação e mesmo da influência de autores brasileiros sobre portugueses; presença de que Cabral constitui um caso exemplar.

Quaderna representa um momento importante na acolhida de Cabral em Portugal, pois a publicação dessa obra ampliou a circulação do autor e impactou outros poetas.

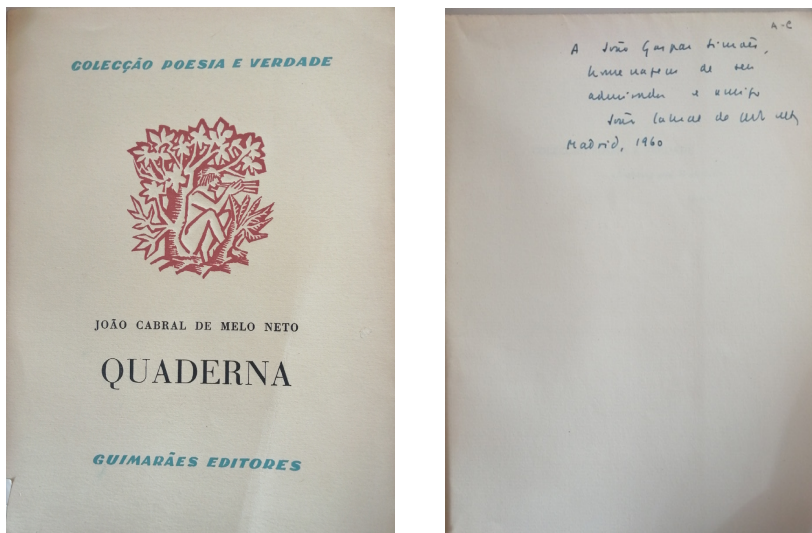


Fig. 3: Capa de *Quaderna* e dedicatória a João Gaspar Simões.

Fonte: Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás, em Figueira da Foz

Arnaldo Saraiva, hoje professor emérito da Universidade do Porto, conta que, conhecendo três ou quatro poemas de Cabral, tomou consciência do que a sua poesia representava com o livro de 1960: “só me dei conta de que se tratava de um poeta de excepção quando, em 1960, calou na Faculdade Letras de Lisboa, pude ler *Quaderna*, que acabara de sair em primeira edição na capital portuguesa” (Saraiva 2014: 95).

O impacto de *Quaderna* sobre outros poetas já havia sido vaticinado por Alexandre O’Neill, que, assistente literário da Guimarães, foi o curador da edição. Em carta ao brasileiro de setembro de 1949, pressagia para a obra uma exemplaridade benéfica à jovem poesia portuguesa, “que tanto precisa de ‘emagrecer’” e vê nela uma

forma de difundir a literatura brasileira, “tão pouco lida em Portugal” (O’Neill 1959a). Em outra missiva de outubro do mesmo ano, augura “para *Quaderna*, o maior sucesso e a exemplaridade mais benéfica aqui neste pasmado país de terrores...” (O’Neill 1959b).

O próprio Alexandre O’Neill e Sophia de Mello Breyner Andresen são exemplares da ressonância que o brasileiro exerceu sobre pares portugueses, conforme examinei em artigos específicos (Fiuza 2019; Fiuza 2023). Rosa Maria Martelo também evidencia como *Quaderna*, e *Cantata*, de Carlos de Oliveira, ambos de 1960, anteciparam a virada da poesia portuguesa de 1961:

Os livros publicados por Carlos de Oliveira e João Cabral em 1960 corporizavam muito do que os poetas emergentes em 1961 tornariam progressivamente mais explícito em termos de poética: valores como a contenção lírica, a concreção e visualidade da imagem, o rigor construtivo, a metadiscursividade e, genericamente, o recurso a processos referenciais por exemplificação permitindo tratar o texto como amostra-de-mundo (em sentido goodmaniano), ou seja, como corpo metonímico, exemplificativo – no caso, exemplificativo da carência, do pouco, da pobreza, juntando assim num mesmo discurso as vertentes estética e ética, e mesmo a dimensão política (Martelo 2018: 306).

Entre os críticos especializados, além da resenha de Simões, Carlos Cunha (1960) assina uma outra, saída no *Diário Ilustrado*. Alexandre O’Neill noticia a Cabral outras publicações sobre o livro:

Além de simples notícias da saída do livro, apareceu uma crítica (?) no *Diário Popular*, cujo recorte segue junto. Outra publicação – o mensário *Almanaque* – transcreveu no seu último número o poema “*A palo seco*”, precedido de uma breve notícia sobre o Poeta e respectiva biografia. Não o tenho, neste momento, à mão, mas oportunamente enviar-lho-ei (O’Neill [1960]).

Mas, indubitavelmente, Gaspar Simões foi o crítico de maior influência a escrever sobre *Quaderna* em Portugal. Na sua resenha, lembra, na esteira de Péricles Eugênio da Silva Ramos, em capítulo sobre “O modernismo na poesia”, da coleção *A Literatura no Brasil*, dirigida por Afrânio Coutinho, que os dois poetas da “nação irmã” pertencem a fases diversas do modernismo, *segunda fase*, no caso de Murilo, e *fase esteticista*, no de Cabral, representando ambos correntes líricas em que os valores modernistas deixaram de se apresentar combativos, tornando-se clássicos do próprio modernismo.

Nos comentários destinados a Cabral, considera-o discípulo de Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, mas também tributário a Mallarmé e Valéry de uma atitude mental diante do fenômeno poético. Para o crítico, Cabral chega a Góngora por meio de Mallarmé e seria a sua confluência poética com alguns modernos espanhóis que o conduziria à “problemática ideal de todo o poeta de estofamento gongórico” (Simões 1960: 465), isto é, a paisagem hispânica.

Nota Gaspar Simões, no Brasil, por parte dos poetas da fase neoclássica do modernismo e de tendência barroca, onde situa Cabral, afinidades com Góngora e Quevedo, em detrimento do que chama “mediócras colaboradores” da *Fénix Renascida*, ou seja, de um dos cancioneros da poesia seiscentista portuguesa, de modo que a Espanha e não Portugal estaria a concorrer para a renovação da poesia brasileira. Essa fase neoclássica de Cabral já se faria notar em *Uma Faca só Lâmina e Paisagens com Figuras*, saídos originalmente na reunião *Duas Águas* (1956). Essa fase, para o crítico, seria mais explicativa que a anterior, “requintadora de uma expressão poética paredes meias com o hermetismo” (Simões 1960: 465). Nada havendo de hermético na nova fase, há nela um emprego novo da lógica, que não é nem a lógica do inconsciente, nem a do consciente dos estados de transcendentalização. Nessa fase neoclássica, o crítico reivindica uma filiação portuguesa para Cabral que desenvolverá posteriormente: “Em Mário Saa encontramos de algum modo uma prefiguração do que o poeta de *Quaderna* está a realizar superiormente na fase mais actual da sua obra” (Simões 1960: 465).

4. Entre a “velha crítica” e a crítica acadêmica

Quando da publicação de *Terceira Feira* (1961), Gaspar Simões escreveu um texto, datado de 1962, e saído no livro *Literatura, Literatura, Literatura... De Sá de Miranda ao Concreto Brasileiro*, de 1964.

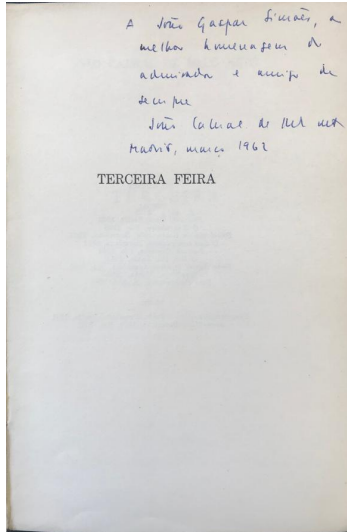


Fig. 4: Dedicatória de *Terceira Feira*. Fonte: BNP

Gaspar Simões nota que nas reuniões dos livros de João Cabral, como é o caso de *Terceira Feira*, e, antes, de *Poesias Reunidas*, de 1954, e *Duas Águas*, de 1956, é possível apreciar, no conjunto, uma obra que, indubitavelmente, apresenta-se como uma das “mais significativas adentro do panorama da poesia brasileira e uma das mais representativas adentro do panorama da própria poesia de língua portuguesa” (Simões 1964a: 342). Prova dessa representatividade é a repercussão que estaria “tendo entre as novas gerações os versos da última fase do grande poeta de *O Engenheiro*” (Simões 1964a: 342), ou seja, a fase posterior a 1959. Para essa repercussão teria concorrido, sem dúvida, a publicação em Lisboa de *Quaderna*, já que os livros anteriores, ou aparecidos em edições restritas ou editados no Brasil, teriam passado despercebidos em Portugal. João Cabral seria, pois, o responsável por uma alteração nas relações poéticas Brasil-Portugal:

Com João Cabral de Melo Neto principia a operar-se uma curiosa translação no orbe lírico nacional. E se é verdade que ainda se não torna palpável essa influência nascente, avulta entre as novas gerações um culto brasílico, com o deus tutelar Melo Neto, que não pode deixar de vir a ter as suas conseqüências (Simões 1964a: 342).

O Cabral que influencia os jovens poetas portugueses é antecipado pelo português Mário Saa, colaborador da revista *presença*.

Conforme Simões, Mário Saa regressou ao neoclassicismo setecentista por meio da recuperação da xácara ou romanceiro, depois de esse discurso lírico ter sido atualizado pelos românticos, mas substituindo, nele, o “elemento discursivo” “por outro muito mais moderno: o elemento algébrico, a *razão matemática*” (Simões 1964a: 344). Ressalva o crítico que a fonte direta de Cabral não é Mário Saa, mas os espanhóis. Identificando-se com valores típicos da Andaluzia, o poeta busca, “mesmo sem querer, a ‘razão matemática’ que igualmente rege os seus versos em substituição do discursivo inerente ao romance peninsular” (Simões 1964a: 345). A xácara, com “cores nordestinas”, domina composições de Cabral, de que são exemplares *Morte e Vida Severina* (1956) e *O Rio ou Relação da Viagem que Faz o Capibaribe de sua Nascente à Cidade do Recife* (1954), poemas que adoptaram o verso e o estilo narrativo peculiar ao romanceiro.

Para Simões, Cabral, poeta brasileiro que influencia a poesia portuguesa, é aquele que já está prefigurado, mesmo sem o ter lido, em um poeta português. Assim, é “na sua fase mais conexas com uma fonte portuguesa que os jovens deste lado do Atlântico encontram razões para se inspirar nos versos do autor de *Quaderna*” (Simões 1964a: 343).

Eduardo Prado Coelho, num artigo sobre *A Educação pela Pedra* (1966), publicado originalmente em abril de 1967, no *Diário de Lisboa*, e, posteriormente, em livro, contrapõe-se a Simões:

Que poderá dizer a “velha crítica” (a expressão é de Gaspar Simões, num esforço de autocrítica) sobre a poesia de Melo Neto? Muito, pouco, ou nada? Nada, creio.

(...)

Perante Melo Neto, a “velha crítica” não sabe o que fazer senão resmungar meia dúzia de coisas, o que já é próprio da sua idade. Quando muito, tentará esboçar uma psicologia do autor, procurando desenhar o que nele seja *individualidade*. Mas se a fala da pedra é “inenfática, impessoal”, a poesia também o é — ou deve ser. A “velha crítica” terá de aprender (à sua custa) que o estatuto do autor no processo de produção literária não é um estatuto *psicológico* (uma entidade psíquica unificada), mas um estatuto *topológico* (um lugar onde e donde).

Paradoxalmente, aliás, a “velha crítica” salvaguarda a individualidade de cada autor assimilando-o a outros autores que o precederam e, *portanto*, o influenciaram ou podiam ter influenciado, estabelecendo, assim, um xadrez de correspondências

literárias. Assim, o mais importante de Melo Neto (“a razão matemática”) estará já em Mário Saa (...) (Coelho 1972: 298-299).

Esse diálogo antitético entre Eduardo Prado Coelho e Gaspar Simões é interessante para observar como o caso da recepção de João Cabral em Portugal é também ilustrativo das disputas travadas no campo crítico português entre a chamada “velha crítica”, com larga projeção junto a um público mais amplo por meio da crítica de jornal, e os críticos jovens, de orientação acadêmica especializada, que começam a se afirmar.

5. Poemas Escolhidos e a disputa no campo crítico português

Em janeiro de 1964, Gaspar Simões publicou, no *Diário de Notícias*, uma resenha sobre os *Poemas Escolhidos*, de João Cabral de Melo Neto, a qual abarca também *A Doença*, do então jovem poeta da Geração de 61 Gastão Cruz. Ambos os livros foram lançados no ano anterior, pela Editora Portugália, na coleção Poetas Hoje.

Os *Poemas Escolhidos*, com seleção de Alexandre O’Neill e prefácio de Alexandre Pinheiro Torres, ofereceram ao público português uma amostragem bastante ampla do que Cabral havia publicado até então. Na antologia, constam poemas em seleção de *Pedra do Sono* (“A André Masson”), *O Engenheiro* (“As nuvens”, “A mulher sentada”, “O engenheiro”), *Paisagens com Figuras* (“Medinaceli”, “Imagens em Castela”, “Vale do Capibaribe”, “Cemitérios pernambucanos”, “Alguns toureiros”), *Quaderna* (“Cemitério alagoano”, “De um avião”, “Paisagens com cupim”, “A palavra seda”, “A palo seco”, “Poema(s) da cabra”) e *Serial* (1961, “Escrito com o corpo”, “O ovo de galinha”, “Graciliano Ramos:”, “Velório de um comendador”, “O alpendre no canavial”), e, na íntegra, os livros *Psicologia da Composição*, *O Cão sem Plumaz*, *Morte e Vida Severina*, *Uma Faca só Lâmina* e *Dois Parlamentos* (1961).

Essa antologia expandiu a recepção crítica do poeta em Portugal, tendo suscitado várias resenhas, entre as quais, além da de João Gaspar Simões, já conhecido leitor de João Cabral, duas outras de críticos de interesse que ainda não haviam se manifestado sobre sua poesia. É o caso de Óscar Lopes (1963), que se afirmará com um dos mais agudos leitores da obra cabralina em Portugal, autor de duas outras resenhas sobre livros de Cabral e da apresentação da sua *Poesia Completa*, publicada em 1986 pela imprensa Nacional/Casa da Moeda. É o caso

também do então jovem Eduardo Prado Coelho (1963), que assina ainda o já citado ensaio sobre *A Educação pela Pedra*.

A resenha de Gaspar Simões, antes de ser sobre os *Poemas Escolhidos*, é sobre o prefácio do crítico e escritor Alexandre Pinheiro Torres. Nesse prefácio, Pinheiro Torres, na esteira de Josué de Castro e Alceu Amoroso Lima, apresenta o pano de fundo social nordestino onde se inscreve a poesia de João Cabral. Em seguida, comenta os poemas sobre o Nordeste e sobre a Espanha, país no qual o poeta projeta a paisagem física e humana da sua região brasileira. Na sequência, descreve a poética cabralina, destacando a despoetização da realidade, o banimento do mistério e da metafísica, a secura da linguagem, o poema como artesanato e a valorização do concreto. Por fim, apresenta uma tese para a interpretação da poesia do prefaciado, distando-se de Luiz Costa Lima e José Guilherme Merquior, segundo os quais Cabral “teria empreendido a abordagem do homem e das coisas, armado do instrumento da ‘redução fenomenológica’ husserliana” (Torres 1963: XXXI). Para Pinheiro Torres, a descrição das coisas em Cabral mostra que entre os homens e as coisas há distância, que pode ser vencida por meio de uma descrição minuciosa, que bane o mistério. Com isso, termina por aproximar o poeta brasileiro de Robbe-Grillet e Francis Ponge, indagando, ao fim do prefácio, se neles a arte não derivaria de uma posição contra a metafísica em literatura. Talvez em função de críticas recebidas, como a do próprio Gaspar Simões, Pinheiro Torres termina por retirar, em publicações posteriores, essa tese da apresentação

A apreciação de Gaspar Simões sobre o estudo de Alexandre Pinheiro Torres, como seria de se esperar de um crítico orientado pelo cânone presencista, foi pelo não. Em síntese, diz que: a poesia despoetizada que Pinheiro Torres aponta em Cabral é característica da crítica alistada, de que o prefaciador seria um dos mais intransigentes; o crítico está a imputar ao poeta atributos que convêm à tese dialética; a coleção *Poetas de Hoje*, na qual foram publicados *Poemas Escolhidos*, é “quartel general da crítica alistada” (Simões 1964b: 15); é a partir de *O Rio* que se sustenta a tese realista de Pinheiro Torres, ao passo que, para ele, Gaspar Simões, a poesia cabralina, a partir dessa obra, “força o seu gênio e programatiza a sua poética” (Simões 1964b: 16); reivindica, como na resenha anterior, uma filiação de Cabral a Mário Saa, o qual, como Cesário Verde, “não retira à realidade e às coisas o seu ‘espírito secreto’” (Simões 1964b: 16).

Simões inicia sua resenha lembrando que a publicação dos *Poemas Escolhidos* “justifica-se plenamente numa hora em que o autor do *Cão sem Plumaz* começa a ser considerado entre certa juventude portuguesa como um verdadeiro mestre” (Simões 1964b: 15). E fecha-a com um breve comentário de *A Doença*, de Gastão Cruz, que exemplificaria como

esse realismo entrevisto na obra de Melo Neto como prova da sua progressividade, ao transpor-se para Portugal, ao transparecer na obra de certos poetas jovens, fascinados pela objetividade do autor de *Quaderna*, se converte numa espécie de exercício, mero quebra-cabeças poético, charada em verso, mosaico verbal sem projecção quer na realidade-mundo, quer na realidade-homem, beco sem saída de não poucas vocações líricas juvenis (...) os versos do autor de *A Doença* parece-nos de facto doentes não de antipoesia, mas de poesia (Simões 1964b: 16).

Sobre a influência de *Quaderna* entre os jovens poetas portugueses, remeto ao já citado artigo de Rosa Maria Martelo, o qual, com a perspicácia e o distanciamento necessário para abalizar com mais justeza os fenômenos literários, evidencia como Cabral tem um papel efetivo na guinada da poesia portuguesa de 1961, onde inclui Gastão Cruz.

A resenha de Simões é ilustrativa de como a poesia cabralina entrou nas disputas entre neorrealistas e presencialistas. Amigo de uns e outros, apreciado por críticos das duas orientações, sua obra, com uma tomada de partido da realidade por meio de um formalismo tenso, aponta para os jovens poetas portugueses um caminho outro que não o já esgotado neorrealismo e o velho presencialismo. Nesse sentido, a acolhida de Cabral em Portugal constitui uma narrativa parcial da história da crítica portuguesa na segunda metade do século XX, evidenciando não apenas diferentes abordagens, mas também disputas por espaço no campo literário.

6. Bibliografia

Athayde, Félix (1998): *Ideias Fixas de João Cabral de Melo Neto*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira/FBN / Mogi das Cruzes, Universidade de Mogi das Cruzes.

Biblioteca Nacional (2003): *Presença de João Gaspar Simões: Exposição comemorativa do centenário de nascimento*, Lisboa, BN.

- Coelho, Eduardo Prado (1963): "João Cabral de Melo Neto, *Poemas Escolhidos*", *Seara Nova*, Livros, Lisboa, dez., p. 227.
- Coelho, Eduardo Prado (1972): *O Reino Flutuante: Exercícios sobre a razão e o discurso*, Lisboa, Edições 70, pp. 297-311.
- Cunha, Carlos (1960): "*Quaderna*, João Cabral de Melo Neto", *Diário Ilustrado*, O livro da semana, Lisboa, 14 jul. pp. 14-15.
- Fiuza, Solange (2019): "Uma obsessão leitora: João Cabral de Melo Neto por Sophia de Mello Breyner Andresen", *Remate de Males*, v. 39, pp. 278-300.
- Fiuza, Solange (2023): "Alexandre O'Neill: leitor e divulgador de João Cabral em Portugal", *Texto Poético*, v. 19, pp. 82-113.
- Fiuza, Solange & Saraiva, Arnaldo (no prelo): *Correspondência João Cabral-Aberto de Serpa*, Cotia, Ateliê.
- Lopes, Óscar (1963): "João Cabral de Melo Neto, poesias escolhidas", *O Comércio do Porto*, Cultura e arte, A crítica do livro, Porto, 10 dez., p. 6.
- Martelo, Rosa Maria (2018): "O efeito João Cabral na poesia portuguesa", *Texto Poético*, v. 14, n. 25, pp. 304-318.
- Nemésio, Vitorino (1949): "Poesia 'engenhosa'", *Diário Popular*, Lisboa, 15 jun. p. 5.
- O'Neill, Alexandre (1959a): [correspondência] destinatário João Cabral de Melo Neto, Lisboa, 14 set. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).
- O'Neill, Alexandre (1959b): [correspondência] destinatário João Cabral de Melo Neto, Lisboa, 30 out. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).
- O'Neill, Alexandre [1960]: [correspondência] destinatário João Cabral de Melo Neto (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).
- Saraiva, Arnaldo (2014): *Dar a Ver e a se Ver no Extremo: o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto*, Porto, CITCEM/Edições Afrontamento.
- Simões, João Gaspar (1950): "A poesia, essa estranha invenção", *Amanhã*, suplemento Letras e artes, Rio de Janeiro, a. 4, n. 185, 19 nov. pp. 1 e 10.
- Simões, João Gaspar (1960): "*Tempo Espanhol e Poemas (1925-1955)*, por Murilo Mendes. *Quaderna e Duas águas* (poemas reunidos),

por João Cabral de Melo Neto”, *Diário de Notícias*, Crítica literária, Lisboa, 9 jun., pp. 15 e 19.

Simões, João Gaspar (1964a): “A xícara e a razão matemática na voz de João Cabral de Melo Neto e de Mário Saa”, in *Literatura, literatura, literatura... De Sá de Miranda ao Concreto Brasileiro*, Lisboa, Portugal, pp. 341-345.

Simões, João Gaspar (1964b): “*Poemas Escolhidos*, por João Cabral de Melo Neto”, *Diário de Notícias*, Crítica literária, Lisboa, 1 jan., pp. 15-16.

Torres, Alexandre Pinheiro (1963): “A poesia de João Cabral de Melo Neto (apenas algumas indicações ao leitor comum)”, in *Poemas Escolhidos*, Seleção de Alexandre O’Neill, Lisboa, Portugal, pp. IX-XXXV.